

TECENDO O JORNALISMO EM REDES

Copyright © 2011
SBP^{Jor} / Sociedade
Brasileira de Pesquisa
em Jornalismo

BEATRIZ BECKER
Universidade Federal do Rio de Janeiro
FERNANDO RESENDE
Universidade Federal Fluminense

Ao problematizar a produção de conhecimento no mundo que chamamos “moderno”, Bruno Latour faz do jornal uma metáfora que nos parece instigante. Entre a proliferação de híbridos – dado o fato de que natureza e cultura são constitutivamente instâncias entrelaçadas – e o trabalho de eliminação desses híbridos, o que o autor parece sugerir é que o jornal, ao se esforçar para dar ordem às nossas experiências no mundo da vida, materializaria – ou serviria como exemplo para se pensar – uma certa crise no processo de produção de conhecimento. “Se a leitura do jornal diário é a reza do homem moderno, quão estranho é o homem que hoje reza lendo estes assuntos confusos”, diz Latour¹. O trabalho de separar para organizar – gesto que, para além do jornal, é próprio do pensamento moderno – está diretamente ligado ao esforço de eliminação dos híbridos; uma atitude, deve-se considerar, que operacionaliza conhecimentos distanciados do mundo que experimentamos. É nesse sentido que os saberes, tal qual os assuntos, se apresentam confusos, pois para este autor, no próprio espaço do jornal, como também o é no mundo da vida, “toda a cultura e toda a natureza são diariamente reviradas [...]” (2009, p. 8).

É assim que, para Latour, fatos, poder e discurso só se apresentam como separáveis à luz de disciplinas e procedimentos metodológicos que visam à explicação e à organização dos hibridismos de que nos constituímos todos. O reconhecimento do caráter inseparável dessas três instâncias, que diretamente nos remetem ao real, ao social e ao narrado, também nas palavras de Latour, demanda a concepção de um fio que as teçam. E é sob essa perspectiva que, dirá o autor, “mais flexível que a noção de sistema, mais histórica que a de estrutura, mais empírica que a de complexidade, a rede é o fio de Ariadne destas histórias confusas” (2009, p. 9). Esta ampla acepção de rede como um fio que ajudaria a tecer partes dispersas e separadas, basicamente por vieses epistemológicos,

configura-se como um desafio e tanto, se considerarmos as demandas pelas explicações e categorizações de que somos todos alvos nas nossas pesquisas e investigações acadêmicas.

Para Latour, tal problematização e conceituação dá lugar a uma longa e densa reflexão sobre nossos modos de pensar e estar no mundo. Sua noção de rede – muito mais um conjunto de relações entre pessoas e coisas – lhe serve para indagar, entre outros aspectos, acerca da sua constitutibilidade e dos seus propósitos. Atento à inseparabilidade dos três conjuntos – fatos, poder, discurso – ele sugere que as redes possam atravessar “os grandes feudos da crítica”, pois elas “não são nem objetivas, nem sociais, nem efeitos de discurso, sendo ao mesmo tempo reais, e coletivas, e discursivas” (2009, p. 12). Desse modo, voltando à metáfora do jornal e fazendo referência aos assuntos que nele são geralmente abordados, Latour nos lembra: “O buraco de ozônio é por demais social e por demais narrado para ser realmente natural; as estratégias das firmas e dos chefes de Estado, demasiado cheias de reações químicas para serem reduzidas ao poder e ao interesse; o discurso da ecossfera, por demais real e social para ser reduzido a efeitos de sentido” (2009, p. 12). Lembrança que por si só nos provoca, como pesquisadores do jornalismo, uma série de indagações acerca dos nossos propósitos e métodos não só quando tomamos a rede-jornal como nosso objeto de pesquisa, como também quando nos propomos a desfiar o fio que ali se tece a partir das redes de pesquisa que formamos.

Com o intuito de seguir contribuindo para uma maior compreensão do jornalismo como fenômeno político e cultural na atualidade, este número da BJR toma como provocação a relação que é feita entre esta ampla noção de rede e o jornal. À luz do problema a que nos alude Latour, queremos considerar que, ao nos dedicarmos a pensar e problematizar este lugar no qual o mundo, de algum modo, nos é dado a ver, interferimos não só no processo de produção de conhecimento sobre o jornalismo, como também no próprio processo de compreensão do mundo que ali conhecemos. Se atrelada à acepção de rede como fio está a possibilidade de tecermos modos de compreender a produção e o trabalho de eliminação dos híbridos, como também sugere Latour, queremos acreditar que as redes de pesquisa possam ser um modo a mais de tornar este fio algo vivo, mais afeito às dinâmicas próprias de uma vida tecida em conjunto.

O desenvolvimento científico tem sido, cada vez mais, atrelado à formação de redes de pesquisa que aglutinam pesquisadores voltados para fins comuns na investigação. As redes, hipoteticamente, intensificam

as trocas de experiências entre seus membros e potencializam o uso de recursos humanos, financeiros e infraestruturas disponíveis. Elas, também em seu potencial, possibilitam avanços em decorrência de uma interação colaborativa entre grupos acadêmicos formados por pesquisadores de diferentes regiões do Brasil e de países de distintos continentes. Assim, ao reunir artigos no Dossiê que problematizam os desafios para a realização de pesquisas em redes, esta edição da *Brazilian Journalism Research* (BJR) busca discutir suas condições de funcionamento, dando a ver as estratégias adotadas para lidar com os distanciamentos institucionais e geográficos e apontando as diferentes perspectivas teórico-metodológicas adotadas nesses percursos.

O artigo de Rosane da Silva Borges e Miguel Contani, por exemplo, aborda, no seu escopo, a formação das redes, particularmente as que visam à discussão do jornalismo e das visualidades, a partir não só da própria ideia de rede como também de uma problematização do conceito de comunicação e daquilo que tem sido compreendido como sendo seu objeto. Zélia Adghirni e Fábio Henrique Pereira nos apresentam a experiência da Rede de Estudos sobre o Jornalismo (REJ), fundada há mais de dez anos, que conta com pesquisadores vinculados a universidades na Alemanha, Bélgica, Brasil, Canadá, França, México e Ilha da Reunião. O artigo nos mostra esta rede como um espaço de relativa autonomia na proposição de objetos e metodologias de estudo sobre o jornalismo, algo que se reflete na diversidade de abordagens e de interesses de pesquisa que ela acolhe. No artigo de Flávio Antônio Camargo Porcello, a ênfase que se dá é na Rede de Pesquisadores em Telejornalismo, vinculada à Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). Nele temos um breve histórico da rede, ressaltando o desenvolvimento das pesquisas, os rumos adotados e também seus planos futuros. Numa perspectiva macro e internacional deste número da BJR, João Carlos Ferreira Correia, José Ricardo Pinto Carvalheiro, João Canavilhas, Ricardo Morais e João Carlos Sousa apresentam resultados da investigação em desenvolvimento com foco nos jornais regionais espalhados por todo o território lusitano, trabalho que propõe uma reflexão crítica sobre a relação entre a imprensa regional, os cidadãos e a política democrática.

No esforço de constituição de um diálogo com os pesquisadores portugueses, o artigo de Ana Cabrera, Carla Martins e Teresa Mendes Flores reflete acerca das representações das deputadas parlamentares no discurso jornalístico e fotojornalístico após a Revolução democrática Portuguesa de 25 de Abril de 1974; é a política *no* feminino, conforme

dizem as autoras, que nos é apresentada à luz da experiência de Portugal. A compreensão do Jornalismo como instrumento vital para as sociedades democráticas ampara o artigo de John V. Pavlik. O autor assume que a tecnologia trouxe mudanças radicais para o Jornalismo, o qual tem desempenhado historicamente um papel central nos EUA, servindo como fonte principal das notícias e informações para os cidadãos sobre assuntos de importância pública. E examina em seu trabalho as implicações destas transformações para a democracia, questionando se uma forma mais interativa do jornalismo produzirá eleitores mais participantes e mais bem informados. Axel Bruns enfrenta em seu artigo o desafio da construção de um pensamento crítico inovador sobre as reconfigurações das práticas e das mediações jornalísticas na atualidade, discutindo como o antigo monopólio de *gatekeeping* mantido pela mídia de massa tem sido desafiado pela nova prática de *gatematching*: feita pelos blogueiros individuais e pelas comunidades de comentaristas que podem não fazer reportagem das notícias de primeira mão, porém fazem a *curation* e avaliam as notícias e outras informações fornecidas pelas fontes oficiais, prestando um serviço importante, de maneira cada vez mais ágil, utilizando as redes sociais para divulgar, compartilhar, questionar e até desacreditar matérias noticiosas. Outros enfrentamentos do Jornalismo no mundo Global, a pesquisa e o ensino, são destacados por Ramón Salaverría. Em seu artigo, o autor sugere um investimento em trabalhos menos descritivos e mais analíticos capazes de servir melhor tanto à comunidade acadêmica como aos profissionais dos cibermeios. E nos processos de aprendizagem propõe a substituição do modelo atual de treinamento, que basicamente ensina a manejar as ferramentas digitais, por outro modelo mais amplo, que ensina os princípios e as habilidades em um ambiente *on-line*. O trabalho de Frederico de Mello Brandão Tavares também ajuda a tecer e a desfiar as dinâmicas do jornalismo na atualidade. O autor parte da análise dos editoriais (cartas ao leitor) de *Vida Simples* para problematizar os processos que envolvem a constituição de uma revista segmentada voltada para uma grande temática, refletindo sobre como, a partir de tal contexto, tem-se a configuração de um tipo de jornalismo especializado.

Em todos os artigos que compõem esta edição, nota-se o esforço de problematização a partir da relação teoria/prática, o que ajuda a revelar, como é sugerido por este número da BJR, o quanto somos acometidos pela complexidade em que se inscreve o processo de produção de conhecimento na sociedade contemporânea. E a resenha de Edilson Cazaloto sobre uma análise de revistas nacionais, a qual

busca elucidar os contratos de comunicação e os regimes de visibilidade que emergem das relações entre textos e imagens, provoca ainda um questionamento sobre a resistência da área acadêmica em avaliar e validar pensamentos críticos construídos em formatos não convencionais como o texto impresso, mesmo que os *e-books* e revistas eletrônicas venham ganhando espaço e respeitabilidade na era da convergência. As investigações reunidas nesta edição mostram como o Jornalismo é percebido, ao mesmo tempo, como fenômeno e prática sociocultural, desvelando-se neste próprio campo de saber o imbricamento natureza/cultura de que fala Latour.

| NOTA

- 1 Latour, Bruno. *Jamais fomos modernos* – ensaio de antropologia simétrica. São Paulo: Ed. 34, 2009. p. 8.